

Teixeira de Pascoaes
ALGUNS POEMAS

À MINHA MUSA

A minha Musa agora é sombria mulher
Que, faminta e descalça, eu vejo em qualquer parte.
Quero encontrar na noite a luz do alvorecer
E nuns farrapos de mendiga uma obra d'arte.

Há nos teus lábios, Musa, o murmúrio das fontes
E no teu corpo verde há ramos doloridos.
Por sobranceiras tens os vastos horizontes
E os nevoeiros são teus húmidos vestidos...

Simbólica mulher, descubro no teu rosto
Os traços da Miséria... a tua mãe decerto...
Nos teus olhos crepita o incêndio do sol-posto,
Há neles a amplidão magoada do deserto!

Um vento de injustiça açoita o teu cabelo,
Enruga a tua fronte a cólera de Deus!
Mas nos teus lábios ouço a voz do sete-estrela,
A prece do luar e o cântico dos céus...

O pranto que floresce à luz do teu olhar,
Como os mundos do espaço à luz dos claros dias,
Na minha alma entrou, como um sinistro mar
Que salta, espadanando, as broncas penedias!

Teixeira de Pascoaes | Para a luz

INVERNO

Um pálido fulgor a noite sobressalta...
Dos telhados se eleva, esguia, uma torre alta,
Como um cipreste ao pé de vagas sepulturas.
Na indecisão da luz, ó chuva, tu murmuras...
As ruas vão morrer, além, num negro abismo,
Onde a luz dos lampiões, num triste paroxismo,
Agoniza, chorando a noite em que brilhou...
Principia a nevar. O vento serenou.
Um horroroso frio os membros entorpece...
E no álgido levante, a medo, resplandece
O sol a tiritar, transido, arroxeadado.
Por uma névoa espessa e húmida velado...

Foi à luz deste sol que, ao limiar duma porta,
Sobre a neve, encontrei uma criança morta.
No peito as mãos em cruz, os olhos ainda abertos.
Contemplando talvez quiméricos desertos.
Como esses que ela tinha atravessado há pouco...
E eu visionei então um mundo ignóbil, louco.
Um mundo criminoso, injusto, pervertido.
Onde há bocas sem pão e corpos sem vestido.
Onde há lares sem fogo, onde há almas sem luz,
Onde Caifás é juiz e onde é réu Jesus;
Onde os bandidos são felizes e opulentos.

Onde a Bondade sofre os mais duros tormentos!
Um mundo que ao Azul dá a impressão dum grito,
Onde o espírito humano é um réprobo maldito,
Um Messias que sobe um infindo calvário,
Sob um céu sempre mudo e sempre solitário,
Através dum caminho estéril, sempre agreste...

Onde Buda caiu e onde tu bebeste
O copo de cicuta, ó Sócrates divino;
Onde tu foste, Horácio, um vate libertino.
Onde tu, Vítor Hugo, encontraste um presídio
E onde por amor foi desterrado Ovídio!
Eu visionei o mundo assim como ele existe,
Alegre para o mal, para a bondade triste;
Para o crime um altar e cruz para a Verdade...
Um mundo ensanguentado e todo falsidade.
Que o calor do teu fogo, ó Satã, vem florir,
E onde ouço a Luz chorar e vejo a Treva a rir! . . .
Eis o mundo que eu vi, ao deparar na rua
Com essa criança morta, arrefecida e nua.
De fome ela morreu; morreu de frio agreste...

De fome de justiça, António, tu morreste!
E deste mundo ingrato e vil, meu grande irmão,
Dessa criança levaste a alma pela mão.
Tu partiste com ela, e aqui ficámos sós,
Sombrios como o mar revoltado e feroz.
Numa infinita dor onde há surdos bramidos
De rochedos que torna a lava encandecidos,
Junto da boca negra e hiante dos vulcões...
Tormento que nos faz tremer nas convulsões
Dum ódio represado, imenso e poderoso
Que faz do nosso peito um mar tempestuoso,
Um trovejante céu sem astros de esplendor,
Um abismo sem fundo onde soluça a Dor...
Dum ódio enorme, ódio sem fim, ódio infinito.
Que será da revolta o sempiterno grito! . . .

Teixeira de Pascoaes | Para a luz

À VENTURA

Na hora em que se vê crescer a fria treva,
Como um sombrio mar sinistro das procelas,
Sobre um leito de luz que das ondas se eleva,
Aqui e ali, formando as ilhas das estrelas...

É que eu, sozinho ao pé desse infinito mar.
Sobre a rocha do mundo onde ele vem morrer,
E onde, às vezes, se vê a espuma do luar.
Num soluço que deixa as almas a tremer,

Sonho esta extraordinária e trágica aventura
De partir através o mar da escuridão,
Para desembarcar na terra onde fulgura
A seiva que alimenta a árvore do Clarão!

No navio do Sonho, eu vou, qual marinheiro.
Sobre as ondas da noite. Ó longínquo farol.
Verde luz a espreitar por entre o nevoeiro
De que é apenas um raio o sempiterno sol! . . .

Quando é que tu, ó meu olhar que tudo sondas,
Hás-de ver esse mundo ideal que me seduz...
Quando hei-de atravessar as tuas negras ondas,
Ó mar da Noite, onde há tempestades de luz!...

Teixeira de Pascoaes | Para a luz

NUMA VIELA

As lajes duma viela imunda e lamacenta
Exalam um gemido obscuro e imperceptível,
Enquanto a chuva cai e o temporal aumenta
E o vento grita, qual remorso intraduzível!
Sobre a lama se espelha a tiritar com frio,
Como mancha de sangue, a luz dum candeeiro...
E a infinita expansão dum tenebroso rio
Toda a cidade afoga em triste nevoeiro!
E numa casa humilde, ao pé desta viela,
Agoniza de fome uma infeliz mulher.

Sinistro, a meditar, repousa junto dela
Um homem que visiona um velho mundo a arder...
Um mundo em chamas, como um bosque tenebroso.
Povoado de leões, de tigres e panteras;
Um planeta incendiado, enquanto o vento iroso
Leva uma onda de luz a todas as esferas!...
Junto do leito, há criancinhas a chorar
Que nos lembram, ó dor, emurchecidos lírios.
Tremem com frio como sombras ao luar
E nos seus olhos há vertigens e delírios.
Há muito se apagou o fogo da lareira...
Ouve-se o murmurar confuso das desgraças...
E uma rajada impiedosa e traiçoeira,
Num sorriso cruel, vai d'encontro às vidraças.
Enquanto a chuva da Injustiça inexorável
Invade aquele lar desafortunoso e triste...
E enquanto a noite imensa, augusta, imperturbável,
É como a alma, ó dor, de tudo quanto existe!...

Teixeira de Pascoaes | Para a luz

TEMPESTADE

Minh'alma fez seu ninho ao pé dum grande abismo,
Onde chega, a tremer, o álgido paroxismo
Dum imenso estertor.
Um orvalho de sangue as minhas faces molha,
E o lírio do Azul por sobre mim desfolha
O vendaval da dor!

Sinto no coração esse terrível frio
Que enche os montes de neve e faz gelar um rio
E tiritar o mundo.
Meu cérebro delira em sonhos de tristeza...
E aos meus ouvidos chega a voz da Natureza,
Num soluço profundo!

E uma trágica voz feita de fel e pranto.
Onde a Alegria chora em pálido quebranto
E onde é um gemido o vento.
Ê uma voz aflitiva e triste, onde murmura
A dor universal, a humana desventura,
O eterno sofrimento!

Uma voz onde existe o timbre excepcional
Da voz dum lírio que emurchece em ermo val",
Da voz do que sofri,
Da voz da luz que o vento vai assassinar...
Foi essa voz que faz as árvores chorar
Que me falou de ti,

Quando, um dia, passei, à hora do poente.
Perto da campa onde tu sonhas suavemente,
 Numa visão de luz
Que te revela agora o Ideal que desejaste,
Esse ideal que sobre a terra não achaste,
 Assim como Jesus!

Dorme em paz, meu irmão. Ó vítima sublime
Da negra estupidez, da injustiça e do crime
 Que ainda insultam Deus!
Dorme em paz; que o teu sonho imenso de Verdade
Há-de ser para o mundo a nova claridade
 E o novo azul dos céus.

Teu sonho não morreu contigo. É sempiterno.
E uma bendita flor sem abril, sem inverno.
 Que tu semeaste, irmão.
E será sempre um sol quimérico a fulgir
Sobre as almas que, um dia, o Bem hão-de sentir,
 Aquele teu perdão!

Grande acontecimento e cousa extraordinária!
Quando a tua alma triste, agreste e solitária
 Como Jesus, perdoou.
Ó sublime perdão ! Imaculado dia
Que nos permite ver as asas d'harmonia,
 Onde a tua alma voou...

Perdão que fez tremer de pânico um bandido
E que vestiu de luz o espaço indefinido...
 Ó palavra d'amor
Que as estrelas de Deus, cantando, repetiram,
Palavra que também os lírios proferiram,

Sorrindo à tua dor.
Ó divino Perdão ! Ó sacrossanto exemplo,
Que merece um altar, Verdade, no teu templo.
Palavra sobre-humana!
Como a essência que anima as árvores e o granito,
Que o teu perdão de luz, esse sol infinito.
Anime a alma humana!...

*

Quem pode ser feliz, enquanto houver o mal?
Quem pode ser alegre enquanto houver tristeza?
Sorrir, enquanto chora a dor universal?
Cantar, enquanto é um ai profundo a Natureza?
Quem pode ser sereno, enquanto os vendavais
Causam naufrágios, perdições e mortandades,
E enquanto os homens são injustos, desiguais,
E enquanto sobre a terra há só calamidades?...
Por isso, tu, minh'alma, ó triste visionária,
Desce da tua luz às trevas horrorosas
E guarda, dentro em ti, ó grande solitária,
As lágrimas sem fim dos seres e das cousas...
Desce do etéreo azul, alma bondosa e forte!
És precisa no mundo e não nos altos céus.
Que tu conheças bem a noite, o mal e a morte,
Antros onde não chega o resplendor de Deus!...
Deixa os astros, Amor, e desce aos lodaçais.
Despe a túnica d'oiro, e que teu rosto belo
Fique branco de dor, fique orvalhado d'ais.
Uma lágrima é maior que o sete-estrela ! . . .

Teixeira de Pascoaes | Para a luz

A FÁBRICA

As negras chaminés, quais bocas tenebrosas,
Cospem no azul negros escarros pestilentos
Dum fumo que envenena as paisagens nervosas
E que os lúcidos céus nos torna nevoentos...

A fábrica trabalha, e silvos estridentes
Cortam, como uma espada, a trágica atmosfera.
Há rodas a girar, grandes fornos ardentes,
Terríveis como o olhar sangrento da Quimera!

Lívidos rostos, como lágrimas, orvalham
Os vapores que vão mover as engrenagens.
Há negros vultos revoltados que trabalham.
Enquanto o sol fecunda o ventre das paisagens!

Vem visitar, ó Dante, este medonho inferno,
Os negros antros do Trabalho e da Miséria...
Cavernas onde geme o sofrimento eterno
Que tem no rosto magro a palidez funérea!

Anda ver, ó Poeta, os antros do Martírio,
Os modernos Titãs que hão-de escalar os céus...
E nas forjas, a arder, as chamas em delírio,
Que, porventura, anima a cólera de Deus!..,

E a bigorna onde forja a Dor o raio ardente
Que há-de o mundo imperfeito e injusto fulminar!
Mas nesta escuridão eu vejo claramente
O brando alvorecer dum místico luar...

E da Fábrica cruel, cheia de fumo e treva,
De grandes corações amargos, sofredores.
Um grande sonho, ó Deus, fantástico se eleva,
E envolvem a oficina estranhos esplendores! . . .

Teixeira de Pascoaes | Para a luz

UMA SOMBRA

Fúnebre palidez desce do Firmamento...
Dum cadáver parece exalações estranhas...
Fugitivo, no azul, vê-se o perfil do vento.
Olha o pálido mar e as lívidas montanhas!
Um soturno clamor enche de sons magoados
A cidade que acorda, e observa espavorida
Uma Sombra que tem dois olhos incendiados
Que a tudo vão lançar teu fogo eterno, ó Vida!
Vês a Miséria, Amor? Vamos passar por ela...
É um esqueleto ressequido pela fome.
Anoitam seu olhar nevoeiros de procela.
Sai um clarão de dor do fogo que a consome!
E um desespero mudo e frio, como a neve
Que inexorável queima as últimas folhagens,
Quando a neblina beija as cousas, ao de leve,
E com seus dedos fecha os olhos das paisagens,
Sobressalta e contrai seu desolado rosto,
Terrível como um grito e inquieto como a treva
Que ao respirar do vento, à hora do sol-posto,
Lívida, por detrás das árvores se eleva!...
Lutou pela justiça e foi vencida. Amou,
Foi odiada. Endoideceu... Grande martírio!
O riso nunca mais seus lábios deslumbrou.
Nos seus olhos sussurra o vento do delírio!
Nos seus cabelos há crepitações de chama,
Prenúncios dum incêndio universal e santo...
E no seu peito agreste e rude, que não ama,
A cólera desperta um tenebroso canto!
Está louca a cantar. Nem olha para nós.
Toda ela é um soluço, um revoltado grito
Aonde vai morrer a nossa frágil voz.
Como um raio de luz no vago do infinito!

Ofélia d'hoje que a Injustiça enlouqueceu.
Debruçada, a tremer, sobre um abismo imenso!
Lágrima universal na pupila do céu,
Pranto da Criação dum ermo olhar suspenso!...
Aquele lágrima evapora, ó sol do amor...
Converte-a em criadora e etérea nebulosa.
Cristaliza num mundo ideal aquela dor,
Condensa numa alma a carne tenebrosa! . . .

Teixeira de Pascoaes | Para a luz

UM BURRO

Eu encontrei, um dia, a pastar sobre um prado
Um burro magro, esguio e triste e abandonado...
Ele tinha o quer que é de anacoreta ascético
E na sua fronte triste um doce olhar profético...
Um inspirado olhar, profundo e visionário
Que vê tudo através da noite do Calvário...
Que, além da realidade, avista o Ideal!
Olhar inconsciente, olhar irracional
Ou como a luz do luar ou como a luz do dia
Que avistam um perfume e vêem toda a harmonia...
Olhar que só descobre o que o Universo sente;
Olhar feito pra ver o Espírito somente...
Que numa lágrima só vê bendita dor,
Numa pedra uma alma e num lírio um amor.
Divino olhar que nos parece amortecido.
Como um astro remoto a nada reduzido.
Porque brilha no Além, no azul distanciamento,
Onde tudo é paixão, beleza e sentimento!...
O seu corpo era alto, humano e muito ossudo.
Corpo de sábio definhado em longo estudo.
E o seu belo perfil, no ar, se desenhava
E o Sonho, como a luz, seu corpo aureolava...
E ao vê-lo eu meditei, ó Deus, numa alma triste
Que sofre a eterna dor de tudo quanto existe...
Numa alma misteriosa, oculta e incompreendida,
Que conhece o princípio e o vago fim da Vida...
Que atingiu o Absoluto e a pura consciência
De tudo — desde a Forma ao resplendor da Essência...
Que vive na visão eterna da Verdade,
E que vai toda amor, toda paz e humildade,
Sob açoites cruéis e duras chicotadas,
Pela horrorosa mão da Estupidez vibradas,

Em busca do Martírio, a caminho da cruz,
Para morrer salvando, assim como Jesus!...

Teixeira de Pascoaes | Para a luz

VIDA DO MAR

I

Quantas tardes, eu vou, sozinho, passear
Ao longo do brumoso e soluçante mar...
E vejo, ao cair do sol nas ondas abrasadas.
Entre as rochas que estão de espuma coroadas,
Tristes habitações de pobres pescadores...
Telhados pra abrigar soluços, ais e dores.
São choupanas onde há postigos e janelas,
Donde a Tristeza vê, ao longe, as brancas velas,
Navios onde vai ao leme a Saudade...
Sopra um vento que traz a viuvez e a orfandade...

II

Sente-se palpitar o coração do Oceano
Que pela lua tem um grande amor humano.
Tremem as ondas num ataque de histerismo.
E nas gaivotas há a tentação do abismo,
Tão altas elas vão, num voo misterioso...
Assopra, desgrenhado, um vento lacrimoso...
E nas correntes d'ar que as ondas arrefecem
Vibram as sensações que uns nervos estremeçam...
Sensações que vão ser inéditas imagens
No cérebro do mar, feito para as sondagens.
Como uma asa negra, a triste cerração
Desce do céu, cheia de horror e de aflição!
B um medo sobressalta as ondas que se atiram
D'encontro à erma praia, onde, chorando, expiram.
Os promontórios nimba uma auréola d'espuma.
Relâmpagos de dor incendeiam a bruma,
E, num clarão de incêndio, ela se transfigura...

Depois, a noite fica ainda mais escura,
E as águas vão pequenos barcos devorando.
Rasgam o ar terríveis ais de quando em quando!
Beijos de despedida e últimos abraços,
A caminho da Paz, percorrem os espaços.
Furam a espuma mãos crispadas de terror,
E há corpos a boiar, donde fugiu a Dor...
E, qual fantasma sobre as tenebrosas ondas.
Lívido e amortalhado em trevas hediondas,
Vê-se um navio enorme e negro a naufragar.
Onde entra, num rugido amargo, o vasto mar!...

III

Um vulto esguio de mulher, todo de preto,
Abraça, sobre a praia, um trágico esqueleto
Que uma onda, com amor, nos seus braços lançou,
Num gesto d'alva espuma onde o luar cintilou...
E a noite vaga sobre as águas repousada,
Sentiu a Palidez torná-la desmaiada...
E um frémito de dor, no ar, resplandeceu.
E depois, todo o mar antigo escureceu.
E a treva adquiriu tão grande intensidade.
Que me dava a impressão de estranha claridade
Que, em vez de deixar ver, meus olhos deslumbroua.
E o mar tinha uma voz profundamente cava...
E a bruma, num suor gélido d'agonia.
Aos cavernosos céus, fantástica, subia...
Enquanto o mar beijava os íngremes rochedos,
No desejo que prende o vento aos arvoredos.
E os negros temporais, no horizonte, passavam
E as destemidas naus, com cólera, insultavam!

E aquele vulto se escondeu nas trevas densas
Que abrigam, com amor, as aflições imensas...
E a noite trespassou a crua luz dum grito
Que ampliou até Deus a sombra do Infinito!...

IV

Velhos homens do mar, ó rudes marinheiros,
Filhos dos temporais, irmãos dos nevoeiros.
Confidentes do amor que as ondas ilumina.
Tradutores da língua estranha da neblina...
Ó leitores do livro azul do Firmamento.
Intérpretes do luar, das nuvens e do vento!...
Almas rudes que têm a energia do mar.
Cabelos brancos numa chuva de luar...
Ó fronte ideais batidas do nordeste!
Vagos olhos a olhar toda a amplidão celeste...
Ó perfis onde morre o clarão do sol-pôr
Que dentre as ondas sai numa explosão de dor!
Marinheiros da Grécia antiga que assististes
Do alto das vossas naus, ansiosos e tristes,
Ao suicídio de Safo e ao canto das Frinés
E às grandes comoções que agitam as marés!...
K que vistes nascer, num dia excepcional,
Vénus — esse sorriso eterno e universal —
Duma onda que os clarões da aurora fecundaram.
Quando as águas e a luz, famintas, se beijaram.
Num desejo d 'amor que sempre se traduz
Numa 'árvor' que dá flor bem antes de ser cruz.
Num desejo ideal, quimérico, imprevisto
Que foi o pai de Pã e foi o avô de Cristo!...
Velhos homens do mar de todos os países,

Ó rudes corações cheios de cicatrizes,
Abertas pela mão cruel da Nostalgia...
Almas feitas de treva e de melancolia.
Inquietas, sempre a olhar o fundo dum abismo
Que estremece num grande e eterno paroxismo,
Por sobre o qual vagueia a sombra de Virgínia,
Leve como o perfume etéreo da glicínia.
Branca como, no inverno, a gélida camélia,
Levando ao lado a sombra pálida de Ofélia;
Cabelos soltos, alma feita de amargura.
Olhos fenomenais onde canta a Loucura!...
E as duas sombras vão a chorar e a cantar.
Como outrora Jesus, sobre as águas do mar...
Homens que adormeceis no seio das tempestades!
(Misteriosas paixões, ignotas ansiedades...)
Aos meus ouvidos vem a voz da Natureza
Cheia da vossa amarga e trágica tristeza...
L sinto na minh'alma a grande solidão
Que, no meio do mar, vos toma o coração!...
Eu vivo, como vós, no infinito e no vago
Que há num dorido olhar e num' nevoento lago;
Numa onda a mudar-se em névoa transcendente,
Nos ermos animais que sofrem como a gente...
Eu vivo, como vós, a vida extraordinária
Duma vela, ao luar, longínqua e solitária...
A existência subtil da vaporosa espuma,
Em cujos olhos brilha a tua alma, ó bruma!
E sinto, como vós, o desespero insano
Que eleva até à lua as ondas do Oceano!
E a revolta sagrada, a cólera bendita
Que sobre a terra, em água, as nuvens precipita...
Que faz gritar, no espaço, o vento desgrenhado.
Um réprobo talvez, um doido, um condenado...

E sou filho também da grande tempestade
Onde há relâmpagos d'amor e de verdade!

Teixeira de Pascoaes | Para a luz

NOVA LUZ

Emana um fumo d'alma o crepitar do lume...
O incêndio dum flor dá a cinza do perfume.
E o corpo dum onda é um místico braseiro
Que exala, numa ânsia, o branco nevoeiro...
É o incêndio supremo e santo da Matéria,
Donde sai uma luz anímica e sidérea...
Tudo o que é material, como a rocha erma e calma.
Querendo e desejando, é luz, é sonho, é alma!
A alma é o exterior, o corpo o interior.
Onde termina um coração, começa o amor...
Por isso, cada corpo inânime e pesado
Duma auréola d'infinda luz está banhado.
E, assim, uma ansiedade ignota, uma quimera.
Pôs em volta da terra a lúcida atmosfera!...
A luz envolve a chama e a chama envolve a lenha...
Sensível musgo cobre uma insensível penha,
E sobre o musgo paira o aroma espiritual...
Mistério... Num aroma a pedra é imaterial!
E todavia são a mesma vida pura
O claro aroma, o verde musgo, a penha dura!...
A terra é a mãe da Alma, a terra deu à luz
O perfume da flor e a alma de Jesus!...
O lodo é a Piedade, é o Amor infinito.
É apenas comoção a rocha de granito...
No Poeta comovido há a loucura do vento;
A nuvem é um delírio, a água um sentimento...
A fonte que através dum areal se perde,
As suas margens vai vestindo de cor verde,
Lançando nessa terra estéril, ressequida,
Num beijo sempiterno, a semente da Vida.
Uma gota d'orvallio é sonho, é ansiedade,
Quer desça sobre o pó, quer suba à claridade...

Qualquer terra que a toque acorda deslumbrada,
E é uma erva, um perfume, uma alma enamorada!
E é gota d'água, ó astro espiritual, bendito,
Ampliada pela luz, abranges o infinito...
És o éter transcendente, o grande transmissor
Da voz dos mundos e do seu estranho amor!...

Todos os robles dão, ardendo, a mesma luz...
Um tronco sobre um lar é um Cristo numa cruz!
E é calor que agasalha e facho que alumia
O que é em Cristo amor, piedade, harmonia...
E tudo o que é no poeta emoção e delírio
É luz no sol, canto nas aves, cor no lírio!...
E tudo o que é em nós Bondade é num rochedo
Viçoso musgo e santa sombra no arvoredado!...
E, enquanto dou a um pobre um bocado de pão,
O sol enche de luz o saco da amplidão!
E, qual Samaritana, a nuvem religiosa
Dá de beber a toda a terra sequiosa...
Um murmúrio de fonte é um Sermão da Montanha
E a neblina da tarde uma ascensão estranha!...
E enquanto eu sou a morte, ó velho e frio inverno,
Perante o sol – Jesus, és um Lázaro eterno.
Um promontório é um Cristo altivo, triste e só,
E o mar divino um poço imenso de Jacob!...
E as verdes ervas são versículos sagrados
Que os ribeiros e o sol escrevem sobre os prados...
E uma pedra contém a história verdadeira
Do Génesis, da Luz e da Mulher primeira!...
Ainda hoje, o Dilúvio, o velho avô das fontes,
Anda na boca das florestas e dos montes!...
E a mais estéril terra ainda recorda e chora
O tempo em que beijou teus lábios d'ouro, aurora,

Pela primeira vez, ardente de paixão!
Ainda hoje impressiona a terra a sensação
Que seu corpo diluiu em mística ternura,
Ao conceber a primitiva criatura!
E nos olhos da terra ainda fulgura a imagem
De tudo o que ela viu, nessa grande viagem
Através da penumbra infinda do Mistério,
Até desabrochar num coração etéreo!
Há nos olhos da terra a imagem desse olhar
Que a saudade transforma, às vezes, em luar...

Deus disse à luz do sol o segredo da Vida.
Desvendemos a Luz amada e preferida!...
Vejam a razão suprema da existência
E o que ela tem d' amor, de espírito e de essência,
O que nela é real, eterno e inconfundível...
Que o nosso olhar penetre o mundo do invisível.
Os paramos do Sonho, a amplidão da Quimera,
Onde já se descobre etérea Primavera,
Nebulosa subtil composta dum perfume.
Dum éter, dum amor, duma luz que resume
A nova Criação que está para surgir
Do caos de Amanhã, do beijo do Porvir!...

O pó que a gente vê sobre os campos, disperso,
É um caos; nele sonha um místico Universo!
Apaga-se uma estrela e nela ressuscita
A sua frágil luz, numa luz infinita...
Se um homem fecha os roxos olhos, congelado,
D 'olhos eternos ele fica constelado!
B duns ouvidos transformados em poeira,
Brota a audição completa, imensa e verdadeira...
B tudo o que termina e a cinza se reduz,

Vai acordar em alma e despertar em luz!
Um mundo aureoreal, quimérico germina
Em cada areia, em cada gota cristalina...
E a nova Vida, numa onda a resplender,
Aflora à superfície ideal do novo ser.
Um novo Apolo vai tocar a nova Lira...
E na água que se bebe e no ar que se respira,
Nas nuvens onde dorme a clara luz dos céus,
Palpita um novo amor, murmura um novo Deus...

Teixeira de Pascoaes | Para a luz

O RISO

Ó riso, olhar de Apolo, pai do dia!
Luz ardente vestindo corpos virgens...
Ó riso, etérea fonte de harmonia!

Ó riso misterioso das origens,
Ó riso sempiterno do deus Pã,
Ó riso delirante das vertigens!

Ó riso, a luz sagrada é tua irmã.
Sempre que uns lábios puros vão sorrir,
Neles, fulgura a estrela da manhã.

Ser alegre é ser luz. Rir é florir.
Cravos na infância, rosas pequeninas.
São sorrisos de amor que estão a abrir.

Áureas chuvas de riso cristalinas.
Desenhando, nos bosques rumorosos,
Anjos de luz, aparições divinas!

Risos de oiro nos vagos céus brumosos,
Risos da aurora, orvalhos matinais.
Risos de flor nos troncos voluptuosos.

Riso das ondas, riso dos cristais.
Flocos de espuma, a rir, em tosca frágua,
Ó riso intenso e frio dos metais!

Riso do sol que doira a nossa mágoa;
Lábios da noite acesos numa estrela,
Lábios de nuvem num sorriso de água...

Riso da morte, ao luar, que se congela;
Riso gravado a fogo, em névoa escura,
Beijo, a sorrir, nuns olhos de donzela.

Riso da branca neve, que fulgura...
Ó místico sorriso da Piedade!
Riso de sombra em trágica figura...

Risos da primavera! Nova idade!
Lírios que sois, nos vales, os primeiros
Enviados da divina claridade.

Riso aquecendo os torvos nevoeiros...
Ó riso madrugante e solitário.
Riso anterior aos mundos passageiros.

Ou nas flores agrestes do Calvário,
Ou nas flores do campo, em tudo vejo
O riso primitivo e originário,

O precursor da aurora e do desejo,
Da esperança e da lágrima dorida...
Nebulosa, no Azul, nuns lábios, beijo!...
Riso eterno de Deus criando a Vida!

Teixeira de Pascoaes | Vida Etérea

CANÇÃO DE MAIO

Os rios são de luz,
E de oiro são as fontes.
Ê de oiro o mar azul,
Que banha os horizontes.

O arbusto que rebenta,
É um Lázaro a quebrar
A tampa do sepulcro,
Ouvindo o sol chamar!

O aroma é tão intenso,
Em Maio, nos outeiros.
Que tolda os claros céus
De vagos nevoeiros.

A luz do sol caindo.
Alegre, sobre a aldeia,
As pedrinhas do chão
E as águas incendeia!

Doira a face espelhada
E lívida dos mármore;
E chuveiros de tinta
Esparge sobre as árvores.

Crescendo, a cor alaga
O vale, o campo, a serra.
E já mal se distingue
O céu azul da terra.

ALEGRIA

A alegria do sol doira as campinas,
Brilha nas fontes cristalinas;
Transluz no olhar dos meigos cordeirinhos,
Canta na voz dos passarinhos!

Vede a alegria imensa de florir,
Dentro de nós, a rir...
Nas árvores, nos verdes matagais,
Lucilantes de choros matinais.

Em clara seiva, pelos troncos, gira
O riso eterno da apolínea lira!
É a música das flores,
Em sons primaveris de vivas cores.

Luz, irmã da alegria
E da harmonia...
Doirada comoção indefinida.
Em que palpita o espírito da vida.

A alegria é donzela;
A alegria é luz de alma e luz de estrela;
Relâmpago infinito,
Que deslumbra meu ser, quando medito!

A alegria do sol doira as campinas.
Brilha nas fontes cristalinas.
Transluz no olhar dos meigos cordeirinhos.
Canta na voz dos passarinhos...

ÊXTASE

Estrelas, como vós, eu ardo e me consumo.
Sou labareda e fumo,
Em sonhos, me disperso
E fujo com o vento.
Sou êxtase, luar, deslumbramento.
A sagrada manhã doirou meu berço;
E a Primavera, a rir as suas cores,
Cingiu-me num abraço iluminado a flores.
Beija-me etérea graça.
Canta, pousada em mim, a cotovia.
Eterna borboleta de alegria,
No encanto dos meus olhos, esvoaça.
E tudo me embriaga e me seduz!
Evolu-me num cântico de luz,
Numa oração a Deus
E ao claro sol que anima a Natureza
E descreve, num gesto de beleza,
A curva musical que abrange o azul dos céus.

Vivo naquela altura esplendorosa,
Lá, onde tudo é graça, enlevo, amor infindo,
Comoção matinal de lágrima caindo
Sobre um botão de rosa...
Quando um fulgor de aparição divina,
Que os negros cerros banha.
Dissipa as frias névoas e ilumina.
Com lírios de ouro, o busto da montanha.
Através do meu ser,
Passam anjos voando, astros a resplender,

A lua, a noite escura,
Dilúvios de ternura.
Sombras de almas que surgem retratadas
Na inquieta palidez das madrugadas...
Perfumes, ansiedades,
Visões de amor, longínquas claridades...
E, por milagre, alcanço intimamente
Indefinidos mundos radiosos;
E todo eu vibro e canto heroicamente.
Sob influências astrais e beijos misteriosos...

Teixeira de Pascoaes | Vida Eetérea

A NÉVOA

Alvas brumas do norte,
Ó brumas encantadas,
Criai lendas de sonho,
Aparições de fadas;
Castelos de luar
E torres de marfim.
Onde ouve Viviana
A frauta de Merlin.

Brumas que amorteceis
O cântico do dia,
E em meus olhos deixais
Nódoas de cinza fria;
E desenhais, no Azul,
Perfis de etérea mágoa,
E paisagens de neve.
Em negros fundos de água.

Ó brumas que pairais,
Nas serras fragarosas...
Ó alvas mãos de espuma,
Acariciando as cousas...
Ó fantasmas de mães.
Vestidos de esplendores.
Que, nas manhãs de estio.
Amamentais as flores!

Branças névoas que sois
Tão intenso luar,
Que afinal escurece
Em vez de alumiar.
E perdeis, na montanha,
Os ermos viandantes.
Quando os lobos, com fome,
Andam a uivar, errantes.

Ó brumas dilatando
O som, vaga matéria,
Em onda que se espraia
Até à luz sidérea;
E, na mudez da noite,
Inunda o céu profundo
De preces, de canções
E gritos deste mundo.

Alvas brumas do Norte,
Ó brumas encantadas.
Criai lendas de sonho,
Aparições de fadas.
Castelos de luar
E torres de marfim,
Onde ouve Viviana
A fruta de Merlin.

Teixeira de Pascoaes | Vida Etérea

OS ROCHEDOS

Há rochedos que são estátuas misteriosas.
Nós vemo-los, além, nas serras arenosas,
Desenhados na tela em brasa do sol-pôr...
Ó fronte que enrugou e empederniu a dor!
Há rochedos que são perfis extraordinários.
Alguns, ao vir da lua, evocam os calvários.
Este, lembra dum Deus o mutilado torso;
Aquele, abre, de noite, uns olhos de remorso.
Outros, têm a atitude ideal de quem medita.
O rosto duns contrai uma expressão aflita
E neles transparece um gesto de loucura.
A sombra duns, à tarde, é sombra de ternura.
Outros, rezam, ao vento, as mágoas do luar...
Outros, dum alto cerro, olham o céu e o mar.

Teixeira de Pascoaes | Vida Etérea

AS ALMAS

Vejo passar, na infinda solidão,
Vultos de almas, figuras de emoção;
Os poetas do silêncio que não cantam.
Os doidos que, de súbito, se espantam,
Os que gelam, ao ver o luar nascente.
Os que fitam a mesma estrela, eternamente;
Os perdidos da sorte.
Os que chamam, gritando, pela morte!
Os que andam, sem saber, pelos caminhos,
Os que de noite vão, sempre a falar, sozinhos;
Os que vivem casados com a dor
E a escondem, ciumentos;
Os trágicos do Amor,
Os que sentem astrais deslumbramentos.
Os que matam e cantam, por destino;
O salteador nocturno, o poeta que é divino.
Os tristes vagabundos.
Em perpétua e fantástica viagem...
Os que amam a paisagem
E têm nos olhos a amplidão dos mundos...
Vultos de almas, figuras de emoção,
Errantes, na infinita solidão.

Teixeira de Pascoaes | Vida Etérea

A UMA OVELHA

Entre as meigas ovelhas pobrezinhas,
Que eu guardo, pelos montes, uma existe
Que anda, longe, balindo, sempre triste
E vive só das ervas mais sequinhas.

Que presentes na alma? Que adivinhas?
Etérea voz de dor acaso ouviste?
Que foi que tu nas nuvens descobriste?
Não és irmã das outras ovelhinhas!

Sobes às altas fragas escarpadas,
E contemplas o sol que desfalece
E as primeiras estrelas acordadas...

E assim paras, a olhar o céu profundo,
Faminta dessa relva que enverdece
Os outeiros e os vales do Outro Mundo.

Teixeira de Pascoaes | Vida Etérea

A SOMBRA HUMANA

Quando passeio ao longo dos caminhos,
Batem asas de medo os passarinhos;
Escondem-se os répteis, no tojo em flor.

Meu ser espalha um trágico pavor
Nas pobres criaturas,
Que, neste mundo, vivem, às escuras!

Avezinha fugindo ao ruído dos meus passos,
Se o que eu sinto por ti, acaso, pressentisses,
Tu virias fazer o ninho nos meus braços...

Virias ter comigo, ó pedra, se me ouvisses!

Teixeira de Pascoaes | Vida Etérea

OLHAR ETERNO

Aquele olhar tão triste,
Onde ia em negra luz tudo o que sou
E tudo o que existe,
No instante em que pousou,
Relâmpago do Além,
Sobre o teu rosto de anjo e de amorzinho,
Já deitado na cama e tão doentinho,
Cercado da aflição de tua mãe;
Esse olhar fez-se eterno,
Em meu doido olhar é sempiterno.
É fogo de agonia,
Rubro clarão de inferno...

É, para mim, agora, a luz do dia.

Teixeira de Pascoaes | Elegias

NA RUA

Meia-noite. A cidade é um fantasma sombrio
No mistério da treva aflito e angustioso...
Nos ângulos sem luz, um vulto mudo e frio
Tem um perfil sinistro e um vago olhar brumoso...

A cidade é um fantasma imóvel... Nos espaços,
Onde os astros de Deus as pálpebras cerraram.
As suas torres ergue, altivas como braços
Que num gesto infernal de dor petrificaram.

Por sobre as cousas paira um mistério profundo
Que as almas arreperia e as sombras faz tremer.
Palpita desnortado o coração do mundo,
Sente-se um temporal de escuridão crescer!

Há reflexos de luz nos vidros das janelas.
Que voam através da treva, a cintilar.
Inconfundíveis como a brancura das velas
Sobre as ondas que anima o sangue do luar...

A noite é negro abismo. E o poeta desvairado
Inclina-se sobre ele a olhar, branco de dor,
O mistério onde existe em trevas sepultado,
O coração da luz a palpitar d'amor!

Pesa sobre a cidade uma inquieta paz,
Como a do mar que cerca as ilhas d'alva espuma.
E às negras ruas, onde morre a luz do gás,
Desce, como uma asa, a misteriosa bruma...

Goteja dos beirais o pranto do nevoeiro
Onde minh'alma sente a dor dos oprimidos...
Pranto que faz gelar o frio de Janeiro.
No lívido perfil dos troncos ressequidos.

Lá baixo, junto ao cais, embarcações dormentes
Lembram a emigração e os ásperos degredos,
Terríveis temporais, os ígneos continentes,
Cavernas de leões, estranhos arvoredos!

É venenoso e amargo o ar que se respira...
É feito d'ais de desespero e de tormento.
Por isso, um peito humano em febre, que delira,
Na dor alheia encontra um místico alimento.

E dolorida brisa agita sombras d'árvores
Que por dentro são luz donzela e virginal.
No rosto de quem passa há a brancura dos mármore,
Tão nítida que exala um frio glacial.

Ó altas catedrais no espaço recortadas,
Ó espectros da noite a meditar absortos!
Ó altas casas! Ó paredes branqueadas.
Aonde tem a cal a palidez dos mortos!

Ó plantas dos jardins fantásticas, sombrias.
Num murmúrio de dor que um ermo vento leva...
Aromas que matais, fúnebres harmonias.
Lagos feitos de lama onde é mais densa a treva!

Triste cidade onde o silêncio é um grito enorme!
Ó aflição da noite! Alma que desespera!
Ruínas que a sombra faz. Grande caos que dorme,

Abismo onde vagueia a pálida Quimera!

É um quadro trágico, onde um vulto amortalhado
Num nevoeiro d'alma onde há cintilações,
Vai seguindo uma negra rua, esfarrapado,
No seu olhar levando o esplendor das visões!

Vai seguindo através das ruas e das praças,
Num sonho imenso de revolta e de verdade,
Ouvindo esse clamor sinistro das desgraças
Que anda no ar perdido ao pé da claridade...

Um clamor que assemelha a voz deste Planeta,
Onde o Delírio acende as notas mais agudas.
É um clamor que inspira a frente do poeta
E que na corda do remorso enforcou Judas!

Teixeira de Pascoaes | Para a luz

CANÇÃO DE MAIO

Os rios são de luz,
E de oiro são as fontes.
Ê de oiro o mar azul,
Que banha os horizontes.

O arbusto que rebenta,
É um Lázaro a quebrar
A tampa do sepulcro,
Ouvindo o sol chamar!

O aroma é tão intenso,
Em Maio, nos outeiros.
Que tolda os claros céus
De vagos nevoeiros.

A luz do sol caindo.
Alegre, sobre a aldeia,
As pedrinhas do chão
E as águas incendeia!

Doira a face espelhada
E lívida dos mármore;
E chuveiros de tinta
Esparge sobre as árvores.

Crescendo, a cor alaga
O vale, o campo, a serra.
E já mal se distingue
O céu azul da terra.

CANÇÃO ERRANTE

Dum cantinho deste mundo,
Ermo e triste, à beira-mar.
Meu coração vagabundo
Vai, pelo mundo, a chorar.

Vai, percorre a noite escura,
Coração, luz do luar...
Lírio aceso de amargura
Que nunca se há-de apagar.

Beija a chaga dolorida.
Teu amor a faz sarar.
Beija os lábios já sem vida
E voltarão a falar.

Adora, abriga, consola;
Sê berço, caverna e lar.
Sê beijo, lágrima, esmola
E um pobrezinho a rezar.

Dum cantinho deste mundo,
Ermo e triste, à beira-mar.
Meu coração vagabundo
Vai, pelo mundo, a chorar.

Teixeira de Pascoaes | Vida Etérea

AS ÁRVORES

Árvores maternais,
À luz do sol, em dias estivais,
O rústico mendigo,
Junto de vós, encontra abençoado abrigo...

Deita-se, a descansar
Do seu pesado e eterno caminhar.
Sob os ramos em flor,
Que dão à sua mágoa alívio, aroma e cor.

Porque a humana tristeza.
Perante a Natureza,
Embebe-se de azul, de cantos de ave
E se afasta de nós mais pálida e suave.

Ó árvores piedosas.
Pelas manhãs formosas.
Quando etéreo fulgor, que se anuncia.
Vossas lágrimas muda em risos de alegria!

Bendito o vosso corpo imaculado,
A arder, num lar sagrado.
Bendito o vosso fruto e flor, que vem dos céus.
Minhas irmãs em Deus.

Que simpatia imensa
Me prende à sua angélica presença,
Onde, em cristais, retine a voz do rouxinol
E, em tinta verde, coalha a luz do sol!

E que infinita mágoa
Eu sinto, quando o tempo, a escorrer água,
Como um fantasma esvoaça
E lhes despe a verdura, o mimo, a graça.

E têm vozes de choro,
Nas ramagens, que agita um zéfiro de agouro;
São suspiros de dor, ais tristes de abandono,
A elegia do outono.

E esse canto ideal
Satura-me de bruma espiritual;
Dilui-me num crepúsculo sem fim,
E vivo para tudo e morro para mim...

Teixeira de Pascoaes | Vida Etérea

O MORTE

O mundo era uma estrela,
Um dia, se apagou,
Arrefeceu e a treva
Imensa o sufocou!
E nessa hora de luto.
Horrenda e dolorida.
Dentre as cinzas da Terra,
Ergueu-se a luz da vida!
Quando se apaga um sol.
Mil corações se inflamam..
As estrelas dão luz.
Mas os planetas amam!
E assim a luz do sol
Falece, num desmaio.
Para ser um olhar
Ou linda flor de maio...
Nosso corpo é também
Um astro que se apaga;
Um sol que a inundação
Da escuridão alaga.
Para que nek surja
A vida consciente,
A existência absoluta,
A vida onnipotente!
Nasce da noite morta
A viva claridade...
Do que é frágil e vão
Procede a Eternidade.

Ê preciso que tombe
O nosso corpo em poeira,
Para ser alma e vida

Eterna e verdadeira!
Ê preciso baixar
À sepultura horrenda
Para que a vida nossa.
Em voos de luz, ascenda
Às regiões sem fim
Do sempiterno amor!
Homens, é necessário
O último estertor:
Homens, é necessária
A tragédia sublime
Que o corpo criminoso
E tétrico redime!
Homens, é necessário
O drama da agonia!
Ó morte esplendorosa,
Aurora, Glória, Dia!...

2. *versão (edição 1924):*

O nosso corpo é estrela que envelhece
E, súbito, escurece!
E, aos ventos, se desfaz em cinza arrefecida,
Para que dele surja a verdadeira vida!
Ê preciso baixar à sepultura horrenda.
Para que a nossa alma, em voos de luz, ascenda
Ao sempiterno amor!
Homens, é necessário o último estertor!
Ê preciso chorar a lágrima final,
Já sobrenatural!
Homens, é necessário o drama da agonia.

Ó morte, redenção, aurora, glória, dia!

Versão definitiva (edição Obras Completas , s/d):

O nosso corpo é estrela,
Que vai arrefecendo
E escurecendo,
Para que nele surja uma outra luz mais bela,
A luz espiritual.

É preciso baixar à negra sepultura,
Para que a humana e pobre criatura
Alcance o eterno amor.

Ê preciso sofrer o último estertor.
Chorar a lágrima final...

Teixeira de Pascoaes | Vida Etérea

O POETA

I

Ninguém contempla as cousas, admirado.
Dir-se-á que tudo é simples e vulgar...
E se olho a flor, a estrela, o céu doirado,
Que infinda comoção me faz sonhar!

É tudo para mim extraordinário!
Uma pedra é fantástica! Alto monte
Terra viva, a sangrar, como um Calvário
E branco espectro, ao luar, a minha fonte!

É tudo luz e voz! Tudo me fala!
Ouço lamúrias de almas, no arvoredos.
Quando a tarde, tão lívida, se cala,
Porque adivinha a noite e lhe tem medo.

Não posso abrir os olhos sem abrir
Meu coração à dor e à alegria.
Cada coisa nos sabe transmitir
Uma estranha e quimérica harmonia!

É bem certo que tu, meu coração,
Participas de toda a Natureza.
Tens montanhas, na tua solidão,
K crepúsculos negros de tristeza!

As cousas que me cercam, silenciosas,
São almas, a chorar, que me procuram.
Quantas vagas palavras misteriosas,
Neste ar que aspiro, trémulas, murmuram!

Vozes de encanto vêm aos meus ouvidos,
Beijam meus olhos sombras de mistério.
Sinto que perco, às vezes, os sentidos
E que vou a flutuar num rio aéreo...

Sinto-me sonho, aspiração, saudade,
E lágrima voando e alada cruz...
E rasteirinha sombra de humildade.
Que é, para Deus, a verdadeira luz.

II

Eu sou bendita esmola, ó pobrezinhos!
Meu coração é fonte que se alegra...
Vinde beber, ceguinhos;
Matai a sede negra!

Sou velho tronco, a arder, homens gelados!
Ó trevas, vinde a mim: sou claro dia.
Sou perdão: vinde a mim, ó condenados!
Ó tristes, vinde a mim: sou a alegria!

Meu pranto é doce orvalho, murchas flores.
Sou a luz do luar, ó noite escura!
Sou bálsamo suave, ó negras dores!
Ó pedras, vinde a mim ! Sou a ternura!

Árvores, vinde a mim: sou primavera!
E sou ninho de amor, aves do ar!
E sou antro de amor, ó bruta fera!
E sou praia de amor, ondas do mar!

III

O fogo que me abrasa
Ê fogo de paixão.
Meu corpo tomba em cinza
E pó, que o vento leva...
E alcança a vida eterna,
Em mística ascensão,
Tudo o que, em mim, é dor, fragilidade e treva.

Vejo, sob os meus pés,
Estrelas, a fulgir
Vejo mudar-se em luz
A gélida penumbra.
Esta carne, que é terra,
Há-de outra vez florir.
Uma visão de Deus todo o meu ser deslumbra.

Lá vai meu coração.
Quimérico, a sonhar.
Qual infindo murmúrio
Ou hálito de dor
Ou perfume de lírio
Ou asa de luar.
Para uma vida nova e para um novo amor.

Teixeira de Pascoaes | Vida Etérea

O HOMEM E OS OUTROS SERES

Quando, às vezes, eu saio, à tarde, a passear,
As aves e os répteis e os outros animais,
Todos fogem de mim, ao verem-me passar
E tremores de susto agitam os silvais...

Os vales sem ninguém meu ser enche de medo...
De pânico eu inundo as sebes dos caminhos.
E, sempre que me sento à sombra do arvoredos,
Há calefrios de terror dentro dos ninhos...

E eu, que sonho a Piedade e que desejo o Amor,
Que ao ver a Criação me sinto comovido.
Tenho um grande desgosto e uma profunda dor,
Ao ver-me, ó Natureza, assim incompreendido

Por tudo quanto eu amo enternecidamente.
As estrelas, o azul, as nuvens e o luar...
De que serve a consciência ao pé do inconsciente?
Se há só trevas não é preciso ter olhar...

Tu vinhas ter comigo, ó pedra, se me ouvisses,
E vós, ondas do mar, e vós, altos espaços!
Se o que eu sinto por ti, ó ave, pressentisses.
Tu farias, decerto, o ninho nos meus braços!...

Mas, na minha tristeza, eu tenho esta visão
Do amor que há-de reinar em toda a criatura.
Do laço que há-de unir o humano coração
Ao rochedo que sonha e à nuvem que murmura...

Julgo que vou subindo a encosta dum serra
E que nas árvor's fulge o luar da Piedade...
E que as aves do céu e os animais da terra
Projectam sobre mim uns olhos de bondade...

Teixeira de Pascoaes | Para a luz

NAS TREVAS

Ó tristeza das cousas, quando é noite
Em nosso coração! Oh que tristeza
Aos meus olhos terríveis se desvenda,
E são árvores delidas, na penumbra,
E desvairados ventos, perpassando
Na tenebrosa lividez do céu!
Escuridão, pavor, desolação!
Fantástica paisagem infernal,
Toda esboçada em tintas moribundas
E funéreos relevos agoirentos.

Erma noite fechada! Nem um leve
Riso vago de estrela se adivinha...
Somente as torvas lágrimas da chuva
Escorrem pela face do silêncio.

Piedade, noite negra! Não me beijes
Com essa boca lívida e defunta!
Ó sol, vem alumiar a minha dor,
Que, escondida na sombra, se dilata
E mais profundamente se enraíza
Nesta carne a sangrar que é minha alma!
Ilumina-te, ó noite! Ó vento, cala-te!
Grossas nuvens do sul, limai os olhos,
Desanuviaí o bronzeado rosto!

Mas, ai de mim, a noite é sempre negra;
Negra da tua ausência, do teu ser
Perdido para nós eternamente!
Negra da tua voz emudecida
E do teu riso para sempre extinto!
Negra da minha angústia!

Ó noite negra,
Como sofrem, ocultas no teu seio,
As próprias cousas brutas da Natura!
E como as grandes árvores agitam
As ramagens de lágrimas e sombras!
Soluça o vento nos beirais, ou fica
Gelado num silêncio murmurante...
E sobre o velho pátio de granito
Dir-se-á que a velha casa, abandonada
Da divina presença da criança,
Cai sobre a terra em bátegas de pranto!

Lá fora, no terreiro onde brincavas,
Não sei que espectro anda a gemer... Alguém
Que parece entranhar-se no meu corpo,
E apertar-me nas mãos o coração!
E, sufocado, choro! Vou gritar!
Grito! Fujo de mim! Desapareço!

Teixeira de Pascoaes | Elegias

SOZINHO

Tarde. Vagueio só, por um outeiro.
Sua imagem, quimérica, flutua
Diante de mim, no espaço: é nevoeiro
Vestindo de emoção a terra nua.

E como na minh'alma se insinua
Aquele etéreo vulto... amor primeiro!
Ouço-o falar, lá fora, à luz da lua,
Vejo-o brincar na sombra do terreiro.

Apenas vêm meus olhos, neste mundo,
O seu perfil angélico, o seu fundo,
Misterioso, verde-negro olhar...

Vejo uma estrela? É ele. Vejo um lírio?
É ele. Tudo é ele. E o meu delírio
É ele, é o seu espírito a cantar.

Teixeira de Pascoaes | Elegias

NO SEU TÚMULO

Sobre o seu fundo berço sepulcral
Meu espírito reza, ajoelhado.
E sente-se mais belo e virginal,
Na sua dor divina concentrado.

Caí, gotas de orvalho matinal!
Astros, caí do céu todo estrelado!
Secas folhas do zéfiro outonal,
Vinde enfeitar-lhe o túmulo sagrado!

Ó luar da meia-noite, encantamento
Da sombra, vem cobri-lo! Ó doido vento,
Não grites, baixa a voz lamuriosa!

Silêncio, árvores noturnas do arvoredado!
Porque ele é pequenino e há-de ter medo.
Lá nos seios da terra tenebrosa.

Teixeira de Pascoaes | Elegias

Texto original:

<https://archive.org/details/obrascompletaspo02pascuoft/page/196/mode/2up>

